O BAZAR.

333 Foram tres dias bellos, cheios, interessantes aquelles tres dias do Bazar no palacio do Sr. Duque de Palmella: tres dias como ha poucos em Lisboa, terra que o ceo quiz fazer tam alegre e animada, e que a gente faz tam triste. — E nem eu sei se é a gente, se que é, não o sei dizer bem talvez, mas sinto-o e sente-o quemquer. Sôbretudo, aquella porção escolhida e rara de uma capital, a que por excellencia se chama a sociedade, em Lisboa não é — digamos a verdade — não é alegre. N'um hynverno terá seis ou sette bailes, outros tantos jantares, e talvez um egual número de soirées em que se reuna, em que se incontrem uns aos outros.

Mas com isto e com o theatro italiano, está ditto tudo.

E isto tudo é de noite: para o dia que ha? Nada. Passeiar a pé não vai; de carroagem não tem aonde. Galerias, museus, exposições, não as ha. Os que a devoção ou o gôsto podesse levar ás festividades de Egreja, não ouvem lá senão pedaços d'operas — sérias e não sérias. Dos sermões não quero fallar. Concertos, nem particulares nem publicos, não se usam: spectaculos de arte em que a instrucção se una ao recreio... so se forem os toiros e os cavallinhos. Prazeres em que entre o espirito, reuniões em que o talento faça alguma coisa, para que o ingenho contribua, em que a alma ganhe... eu não sei... Peço perdão ao elegante theatro das Larangeiras, estabelecimento de principe que não tem segundo talvez na Europa. — Porêm esse é raro que abra as suas hospedeiras portas no hynverno. Tambem peço perdão á nascente sociedade Thalia que muito promette.

Mas tudo isto ainda é bem pouco, e repitto que tudo é para a noite, ou mais exactamente para algumas noites. Queixam-se os extrangeiros que não incontram senhoras nas ruas de Lisboa: onde hãode ellas ir?

Os tres dias do Bazar no palacio do Calhariz mostraram bem claramente que o que faz Lisboa triste, é a falta de uma occupação elegante para aquelles, e principalmente para aquellas, que não podem ter outra, mas que podem e devem ser o exemplo da gentileza, o modêlo da graça, formar e polir assim os habitos de um povo, trazê-lo á communhão das nações illustradas e generosas. Provaram mais aquelles tres dias, e é: que os nobres exemplos facilmente se seguem aqui, e que os principes e os grandes podem contar sempre com a cooperação pública em a solicitando para qualquer fim util e pio com a graciosa e amavel dedicação de que aquelles tres dias foram documento.

O antigo palacio do Calhariz do nobre Duque de Palmella, actualmente restaurado com todo o splendor, e que ja incerra muitos objectos d'arte de grande preço, foi pôsto á disposição das Senhoras que dirigem e protegem as casas d'asylo para a infancia desvalida.

Esta benemerita sociedade foi fundada por S. M. I. o Sr. D. Pedro de Saudosa Memoria: e hoje é presidida por S. M. a Imperatriz viuva do Brazil. Não precisa dizer-se mais do instituto nem da sua direcção.

N'uma das salas do palacio se collocaram em fórma de Bazar duas ordens de mesas cubertas de damasco verde, e sobre ellas uma infinidade de objectos, muitos de riqueza e de gôsto, todos de preço pelas mãos que os tinham fabricado. Em geral era lavor de senhoras. E alli se viam obras de tapeçaria de todo o genero, contribuição de rainhas e de princezas, de muitas senhoras de primeira distincção nacionaes e extrangeiras.

S. M. a rainha, S. M. a imperatriz, S. A. I. a senhora princeza Amelia, SS. MM. as rainhas de França e da Belgica, e varias outras princezas offereceram preciosas obras de seu proprio trabalho. S. M. El-rei contribuiu valiosamente com muitas de suas gravuras que não é preciso ser cortesão para admirar porque teem uma graça, um natural, uma facilidade que faria honra a qualquer artista.

Seguiam-se innumeraveis dons de todas as senhoras nobres e elegantes da capital, senão é que do reino. É impossivel contar, quanto mais descrever, as preciosidades que alli se viam em profusão.

Eram umas dôze as mesas; em cada uma d'ellas estavam duas, tres senhoras encarregadas da venda dos objectos que continham. Distinguiam-se entre ellas, a senhora duqueza de Palmella com suas filhas, a senhora duqueza da Terceira com suas sobrinhas (filhas de S. A. R. a Sr.ª infanta D. Anna de Jesus Maria), a senhora marqueza de Fronteira e sua filha, as senhoras condessas de Lavradio, de Lumiares, de Rio-maior, da Ponte, a senhora D. Henriqueta Oyenhausen, dama de S. M., as senhoras D. Maria Margarida de Mello Breyner, D. Julia

Braamcamp, D. Maria Emilia de Saldanha, D. Maria da Conceição Feo e suas filhas, D. Carlota O'Neil.

No tôpo da sala, gelados, fructas, flores, doces. As senhoras condessas da Lapa, e D. Anna da Camara presidiam a ésta mesa.

Será preciso dizer que a elegancia das toillettes e das maneiras, que a amabilidade de todas estas senhoras, diziam facilmente a'qualquer extrangeiro que alli estava o centro de todo o *rank and fashion* do paiz?

No primeiro dos tres dias, terça-feira, e logo que se abriu, S. M. a Imperatriz com S. A. I. a Princeza Amelia visitou a Bazar, e fizeram largas compras; pouco depois SS. MM. FF. a Rainha e Elrei com SS. AA. RR. o Principe D. Pedro e o Infante D. João e com S. A. R. o Duque Irmão d'Elrei, que do mesmo modo compraram uma quantidade de objectos.

Quasi toda a gente conhecida de Lisboa seguiu o nobre exemplo: nos tres dias o Bazar apurou para aquella piedosissima obra muito acima de tres contos de réis.

A' entrada dos salões uma banda de musica militar tocava continuamente. A melhor ordem, a mais perfeita polidez reinava em tudo. É a mais bella coisa que se ve em Lisboa ha muitos annos.

E tudo se póde fazer em Lisboa, em se sabendo fazer; é assim.

Éstas linhas sôbre o Bazar do Calhariz são traduzidas das notas de um viajante que as lançára no seu album para memoria. Não acabam aqui; e traduzirei o resto para outra vez. *A. G.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

SEGUROS DE VIDAS.

334 O nosso paiz vai ser dotado com um estabelecimento que é resultado de um alto grau de civilisação nos outros paizes onde elle se incontra. O *seguro de vidas* tem por fim dar recursos ao homem previdente em certas epochas criticas da sua vida, ou fornecel-os áquellas pessoas a quem elle deseja ainda ser util depois da sua morte.

Ésta instituição benefica vai ser introduzida em Portugal pelo Sr. Claudio Adriano da Costa, que acaba de obter do governo de Sua Magestade a approvação de uma companhia, que denominou *providencia*, para *seguros de vidas, annuidades a termo e vitalicias, sobrevivencias, reversões etc.*, assim como um privilegio por quinze annos para uso das taboas de sua composição, e que hão de servir para ésta companhia podêr funccionar.

Se o comportasse a pouca extensão d'este jornal (attendendo á sua universalidade) aqui transcreveria o relatorio, profundamente elaborado, que acaba de ser impresso e precede as trinta taboas a que me referi. Transcreverei porém unicamente o último paragrapho, e em seguida o programma da companhia.

. . . . . .

« É verdade que ja existem algumas companhias que se dispoem a fazer estes contractos que nós indicamos, mas para que as suas disposições se verificassem praticamente era mister que apresentassem uma variedade tal de taboas, e desinvolvessem as suas vantagens, exhibindo n'ellas e na sua composição, o pensamento que preenche o nosso programma, da dotação, da beneficencia, e do patrimonio. O pai póde achar o dote da sua filha nas nossas taboas, o ancião o arrimo da sua velhice, o principiante o capital para o seu futuro estabelecimento. N'estas taboas está a caixa economica, está o monte-pio, e está o monte-de-piedade. »

PROGRAMMA DA COMPANHIA PROVIDENCIA.

Seguros de vidas, annuidades a termo e vitalicias, sobrevivencias, reversões etc.

Ésta sociedade, cuja responsabilidade se não limita, recebe os premios declarados nas taboas annexas, durante a vida do individuo segurado, para entregar o capital da apolice, tres mezes depois do seu vencimento, a quem competir o seu embolso, seja por testamento, ou herança.

O segurado não é obrigado, nem deve fazer declaração alguma sobre as suas intenções ou disposições a este respeito.

A sociedade tambem segura a vida de qualquer individuo por um ou mais annos, em quanto pende a solução de qualquer negocio, causa, litigio, ou divida.

Igualmente estabelecem em beneficio da viuva ou viuvo, e filhos do uso-fructuario ou uso-fructuaria, o mesmo ou parte do rendimento de quaesquer bens, que gozava a familia durante a vida do seu chefe. O mesmo fará á familia do empregado, pela totalidade ou parte do seu ordenado; tudo segundo as condicções que se estipularem; incluindo tanto na primeira como na segunda especie, todos os casos que se poderem subjeitar a convenção.

Tambem toma o risco de vida de qualquer descendente, para elle deixar, ou um capital ou uma annuidade, ao ascendente, em caso de morte do descendente antes do ascendente.

Fará outro sim seguro sobre uma vida qualquer, sem ser a do proprio segurado.

Acceitará igualmente seguro em parceria por umas poucas de vidas, reservando parte, ou toda a apolice, para a ultima restante, ou designados sobreviventes.

Em todas as instancias, que antecedem, não tendo caducado a apolice, por falta de pagamento do premio no tempo competente, e não querendo, ou não podendo, o segurado ou segurados, continuar a pagar mais premios, a sociedade lhe comprará os annos de interesse que sobre a mesma apolice ja estiverem vencidos.

Querendo porém continuar, a sociedade emprestará ao segurado uma parte do valor dos premios ja pagos, hypothecando elle a apolice. Ésta concessão não suspenderá porém a continuação do pagamento dos premios que se forem vencendo, para a apolice continuar a ter vigor.

Assim como a sociedade recebe premios para pagar capital, tambem recebe capital para pagar annuida-

des a qualquer segurado, durante a sua vida, na conformidade da respectiva tabella.

O pagamento d'estas annuidades póde ficar demorado, para os juros da mora se accumularem ao capital, e tornarem-se aquellas maiores pelo augmento do capital e pelo menor numero de annos, que terão de se pagar logo que tiver de começar a verificar-se o pagamento das ditas annuidades.

Não querendo o annuitante receber toda a importancia da annuidade, a que teria direito em sua vida, e querendo deixar uma parte d'ella em successão, tambem o poderá fazer.

A reserva em annuidade recahindo sobre menores, poderá ser demorada os annos que forem convencionados, ou converter-se outra vez em capital. Tambem se póde convencionar a repartição da annuidade entre conjuge supervivente e filhos.

Os premios que se devem pagar podem ser, ou somente na proporção das idades, ou ascendentes, por um determinado numero de annos, e descendentes nos que se seguirem: podem tambem ser pagos aos trimestres, semestres, annualmente, ou por uma vez por inteiro.

As garantias aos segurados pelo valor das suas apolices, é, além do capital da companhia, o emprego do equivalente dos seguros em fundos publicos, e valores de immediata realisação.

Em epocha determinada de annos, a qual a experiencia ha de marcar, dar-se-ha para conhecimento e satisfação dos segurados, balanço ao estado da companhia, e communicar-se-ha a cada um d'elles o seu resultado.

Sería longo enumerar todas as vantagens d'esta instituição; farei so menção d'a lumas, as de mais facil intelligencia:

1.ª Podem-se augmentar os proprios rendimentos, e assegural-os para a velhice, desgraça ou doença.

2.ª Póde deixar se uma renda ou um capital, a quem quer que seja, depois da morte.

3.ª Pode-se assegurar um rendimento qualquer dependente da existencia de um segundo, segurando a vida d'este.

4.ª Póde fazer-se um patrimonio aos filhos, e assegurar um dote ás filhas, segurando-lhes as vidas quando nascem.

5.ª Podem-se obter quantias emprestadas, ou assegurar os credores do pagamento de seus creditos.

Assim, as combinações a que podem dar logar os *seguros* são muito numerosas; podem-se applicar a todas as necessidades e a todas as existencias.

Ja se vê pois, que os *seguros de vidas* são um contracto pelo qual uma companhia de capitalistas se obriga a pagar áquelle que em seus cofres depositou certa somma menor, ou que para elles contribue com certa prestação ainda menor — a elle proprio, ou ás pessoas ou estabelecimentos por elle indicados, e conforme os ajustes previamente feitos — um fundo superior ou uma renda annual etc. maior, e segundo foi a somma ou prestação entregue, calculada pelas taboas porque a companhia se governa e que são as bases e condições d'este contracto.

Estas companhias acham-se estabelecidas na Hollanda, na Dinamarca, na Allemanha, na França e na Inglaterra. É principalmente n'este último paiz que ellas se teem propagado e que teem produzido incalculaveis vantagens. A primeira companhia d'esta natureza foi instituida na Inglaterra com o nome de *sociedade amiga*, em 1708, e ainda hoje existe: em 1720 fundaram-se mais duas, e pouco depois organisou-se a famosa companhia *Equitable*, conhecida em toda a parte do mundo, e cujos ganhos teem sido tão consideraveis, que apesar das distribuições decennais aos seus accionistas, tem chegado a ter um fundo accumulado de dôze milhões sterlinos!

No 2.º v. da Revista, art. 1971, tractando eu da primeira caixa-economica que se estabeleceu em Portugal, e fallando sôbre as vantagens dos estabelecimentos d'esta natureza, disse incidentemente: «..... ..... eu lembraria o negocio de *seguros*, principalmente de *vidas*, especie de monte-pio, assim duplicadamente util para seguradores e segurados. Este genero de commercio ainda não praticado entre nós, tem infinitas vantagens a innumeraveis respeitos.» Mas ja, talvez, por esse tempo, em harmonia com os meus desejos, trabalhava o sr. C. A. da Costa na confecção das suas *taboas*, trabalho que a todos os respeitos lhe dá grande honra. Estas taboas são resultado da combinação das leis da mortalidade humana com a accumulação dos interesses,

Não me demorarei porêm com uma theoria arida que não interessará a maior parte dos leitores. Os calculos mathematicos auxiliados pela arithmetica social, ensinam a fazer éstas taboas; mas carece-se de um espirito muito exacto e grande experiencia, para applicação dos principios. A mortalidade varía nos diversos paizes e até em differentes cidades; a civilisação, o progresso das artes e das sciencias, os habitos os costumes etc. modificam muito as suas leis geraes. E' necessario conhecer muito o paiz, seu clima, doenças endemicas, classes e costumes dos habitantes, sua statistica etc. etc. para organisar similhantes taboas.

Concluirei pois, hoje, por felicitar o paiz pela creação de tão proveitoso estabelecimento. Os *seguros* podem chegar a todas as classes: elles não exigem grandes sacrificios na actualidade, so demandam economias: inspiram o gôsto do trabalho, da ordem e da industria; e com pouco se póde grangear uma boa fortuna. Concorrem muito para augmento da prosperidade pública pela multiplicidade d'interesses que abrangem. O dinheiro do pobre, o que poupa o criado, o operario, o artifice, o empregado, as economias do homem previdente, os sobejos do ricco, tudo é admittido para chegar a produzir com o tempo vantagens certas e da maior ponderação; assegurando, por exemplo ao homem laborioso, uma velhice tranquilla, exempta dos soffrimentos da penuria; ao bom pai-de-familia, uma morte descançada pela certeza de que sua viuva e filhos não serão victimas dos horrores da indigencia; ao artifice, um fundo sufficiente para o seu estabelecimento futuro; ao empregado-público certo aspecto de independencia; aos filhos, um patrimonio; ás filhas, um dote; e a todos, uma subsistencia ambicionada e indispensavel, na doença ou na desgraça.

REFORMA DO ENSINO E EXERCICIO DA MEDICINA EM FRANÇA.

Artigo 3.º

335 O grande congresso medico da França insta-

lado em Paris, no dia primeiro de novembro, encerrou as suas sessões no dia 15 do mesmo mez.

Os votos adoptados pelo congresso são os seguintes:

« Instituição de uma cadeira de historia e de philosophia da medicina:

« Curso d'anatomia pathologica na faculdade de Montpellier;

« Hospitaes especiaes, aproveitados para um ensino official;

« Ensino mais prático nas escholas secundarias;

« Estas escholas secundarias inteiramente subordinadas á direcção universitaria;

« Creação de escholas secundarias na Corsega e em Argel;

« Liberdade do ensino medico especificada na lei e favorecida por todos os meios materiaes possiveis;

« Principio do concurso admittido sem restricções, com garantias maiores e admissão de práticos de fóra das corporações encarregadas do ensino, para a formação dos juris;

« Funcções dos professores temporarios;

« Melhoramento na instituição dos aggregados;

« Maiores provas exigidas dos alumnos que seguem os cursos;

« Cinco annos d'estudos;

« Serviço activo de todos os alumnos nos hospitaes:

« Admissão dos práticos na sustentação das theses:

« Exames mais praticos:

« Sexto exame sobre a historia e a philosophia medica;

« A suppressão completa e radical de uma segunda ordem de medicos,

» Uma fixação, mais em harmonia com nossos serviços, dos honorarios concedidos pela lei ao medico que serve em virtude de uma requisição judiciaria;

« A prescripção quinquenaria para os honorarios:

« Privilegios melhor definidos sobre as custas da última doença:

» O medonho phantasma da responsabilidade medica desapparecendo á luz de uma interpretação logica e moral;

« A obrigação do segredo abandonada á consciencia somente:

« O exercicio illegal definido, e mais severamente punido:

« Os abusos e delictos no exercicio da arte tornados quasi impossiveis por uma penalidade severa;

« A instituição de conselhos medicos encarregados de velar na dignidade e moralidade da arte:

« A instituição das parteiras levada á altura das necessidades sociaes, ennobrecida pela instrucção e consideração:

« As funcções dos medicos dos hospitaes serão temporarias:

« O concurso mais largamente introduzido, para os logares retribuidos ou honorificos que os medicos podem servir:

« Finalmente, o grande principio da associação proclamada n'este recinto, e entregue a uma organisação immediata. » *National*. 17 *Nov*. 1845.

Julgámo-nos obrigados a dar aos nossos leitores este *ultimatum* do congresso medico francez, como complemento do que ja lhes temos dado nos nossos números anteriores em dois artigos sobre isto. O que fazemos gostosos e ápressa, logo que nos chegou á mão: reservando-nos para melhor occasião o mais que nos parecer communicar-lhes de interesse sobre materia tão importante.

Jacinto Luiz Amaral Frazão.

NOVOS PROCESSOS MECANICOS NO CURTIMENTO DAS PELLES.

336 Os aperfeiçoamentos que propómos para curtimento das pelles, consistem em novas disposições applicadas a certos apparelhos girantes, que permittem mergulhar as pelles no liquido do cortume, e de as immergir successivamente, de maneira que durante o tempo da immersão assentem e se apertem umas sôbre as outras; mas que quando mergulhadas se conservem isoladas nadando no liquido. D'aqui resulta que as pelles submergidas assim em estados alternativos de compressão e tensão pelo seu proprio pêso, abrem ou fecham os poros, e se espremem parcialmente do liquido embebido, ficando de novo dispostas a absorver mais por via d'attracção capillar, quando de novo se immergem, se suspendem no liquido, e se subtrahem á pressão que exercem umas sôbre outras. Além d'isto procurou-se n'estes processos favorecer ainda os effeitos d'endosmoso e exosmoso, agitando as pelles em quanto estão á tona, ou projectando o liquido em movimento sôbre ellas, para as ter constantemente em contacto com liquido novo.

Ja se tem proposto diversos methodos para produzir os effeitos acima indicados; mas todos apresentam estes inconvenientes: ou apparelhos muito dispendiosos, ou processos que exigem tempo consideravel, ou enfim difficuldade de bem operar. O nosso processo parece-nos mais simples, mais accelerado e mais vantajoso, que os inventados até hoje; ao passo que produz um excellente coiro. Um de nós, M. Cox, ja tem privilegio para podêr applicar um cylindro ôcco, ou tambor, dividido em repartimentos, que partem do centro para a circumpherencia, nos quaes se introduzem as pelles e o liquido. As pelles contidas assim pelos divisorios e pela superficie concava do cylindro, não podem escapar-se quando a machina gira em um tanque ou pia, que contenha uma dissolução de tan, que penetra na roda pelas convenientes aberturas. Equilibra-se quanto é possivel o pêso das pelles em cada repartimento, afim de mais facilmente podêr manobrar o apparelho.

O mesmo M. Cox ja tinha anteriormente uma patente por um processo que consiste em suspender a um rolo, ou qualquer outro solido, um ou muitos suspensorios, em que as pelles, dispostas umas sôbre outras, ficassem dependuradas verticalmente quando são mergulhadas no liquido, afim de favorecer o curtimento, e economisar o espaço assim como o liquido.

Cumpre porêm observar que, servindo-nos d'uma roda no cylindro concavo, dividido em repartimentos, não se póde operar de uma vez senão em pequeno numero de pelles; e que com o systema dos suspensorios passados ao rôlo, é impossivel, mesmo quando não houvesse senão um so suspensorio, conservar as pelles em posição direita e uniforme, excepto se empregassemos homens occupados incessantemente a movel-as, impurral-as e levantal-as, em differentes direcções, para emendar os seus desvios e obstar a que se accumulem n'uma extremidade do rolo, se encrespem, ou

deteriorem ou quebrem a machina cahindo em massa sobre os apoios etc.

O que hoje propomos, serve de remedio a estes prejuizos. Eis aqui as novas disposições:

Tambem empregâmos umas vezes um cylindro concavo dividido em repartimentos mais ou menos numerosos, que partem do centro para a circumpherencia; outras vezes, uma sorte de volante, um tambor quadrado, um solido, um prisma de muitas faces, que fazemos girar ou contínua ou intermittente, regular ou irregularmente; mas o nosso processo differe pela maneira com que atâmos ou segurâmos as pelles, separada ou conjuntamente, por meio de fios ou ligaduras adequadas á circumpherencia, parte convexa ou superficie exterior dos cylindros, rolos, solidos ocos ou volantes etc., que fazemos girar. Cada pelle é atada com preferencia pela cabeça com muitos nós parallelos ao eixo do corpo girante, e as pelles se conservam assim o mais estendidas e chatas que é possivel.

Ata-se grande numero de pelles sobre a superficie d'este solido, um cylindro por exemplo, em distancia de 25 a 30 millimetros, que se mergulha até ao eixo no liquido de *tan* dentro de uma pia; as pelles são alternativamente immergidas e no momento em que passam pelo liquido pendem verticalmente, ou quasi, da peripheria da semicircumpherencia que se acha mergulhada, e ficam expostas em toda a extensão da sua superficie á acção do liquido, e os seus poros se embebem mais facilmente por uma ou outra acção capillar. Por outra parte, á proporção que o cylindro gira as pelles sahem do liquido, deitam-se umas sobre as outras, comprimem-se de maneira que espremem a porção do liquido que lhes enche os poros, e assim se preparam para absorver outro liquido fresco e saturado, no momento em que entram na pia que o contém.

Intenda-se que é necessario que o cylindro apresente um desenvolvimento e superficie bastante consideravel para que uma pelle com todo o seu cumprimento o não possa cobrir todo: d'outra maneira a carga das pelles de que elle é guarnecido não poderia ser arranjada nem cahir convenientemente e a proposito; o que faria com que ellas não ficassem completamente em contacto com o liquido durante a sua passagem.

O cumprimento do cylindro ou a largura das divisões, braços etc., deve ser tal que as pelles possam ficar quasi estiradas; e um solido de 1 a 2 metros ou diametros sobre 2 de cumprimento, nos parece ser a dimensão mais adequada para as pelles ordinarias. Este solido com éstas dimensões póde ser carregado com 200 a 500 pelles, pouco mais ou menos. Tambem se podem ligar as pelles pelas duas extremidades á circumpherencia do cylindro; e então não é preciso senão a metade da profundidade ordinaria na pia do liquido; mas tambem não se deve passar de uma vez senão menos da metade de pelles.

Se a experiencia tem demonstrado que este movimento das pelles no liquido, e éstas frequentes alternativas de immersão e submersão, apresentavam vantagens; acha-se tambem que é vantajoso imprimir movimento ao liquido e fazel-o circular por entre as pelles durante a sua passagem, por via de uma bomba ou qualquer outro meio analogo. É assim que se pode trasfegar todo o liquido, deixar as pelles em sêcco, e depois, passado certo intervallo de tempo, introduzir de novo este liquido, e estabelecer assim em todos os tanques ou pias um serviço economico fundado nas leis da hydrostatica.

O tempo da immersão e da submersão das pelles fica ao juizo do fabricante; mas em geral considerâmos que immersões e submersões alternativas de hora em hora, tem a frequencia sufficiente.

Todas as nossas machinas são construidas de maneira que as peças ou travessas, a que se ligam as pelles, são moveis, e podem ser de tirar e pôr, o que permitte transportar facilmente as pelles d'um tanque para outro, ou mudar a sua posição relativa.

Se se vir que as pelles tem disposição para cahir no liquido ou na pia em massa ou de maneira irregular, introduz-se-lhe um rolo de fricção, com movimento vagaroso e resistente, que sirva de as indereitar e para que não fujam senão pouco a pouco.

Diremos finalmente que os nossos meios mecanicos se applicam tanto para a preparação dos coiros, para a tintura, para a passagem pelo summagre etc, das pelles, como para o curtimento, modificando simplesmente segundo a necessidade, a marcha das operações.

J. e Cox, curtidores.

PARTE LITTERARIA.

DO MAGNETISMO ANIMAL, CONSIDERADO COMO MACHINA POETICA.

337 Os que se teem dado a cultivar as bellas-lettras sabem que toda a ficção, para se tornar interessante, deve ter quatro qualidades principaes, que vem a ser: verosimilhança, instrucção, deleite e maravilha; e que ésta última consiste no que é fóra do curso ordinario das coisas e dos successos, incluindo não so a immediata intervenção de alguma divindade, o que tem o nome de machina poetica, senão tambem os presagios, os encantamentos, os oraculos, os sonhos e outras coisas similhantes, que alguns nomeam por machinas medianas: o que é essencial e indispensavel; porque de nada se deixa attrahir, e captivar a attenção como do *maravilhoso*: por maneira que tudo o que chega a ser comprehendido, cessa ordinariamente de ser apreciado.

Entrais ao espectaculo theatral e ficais embevecidos no que alli se representa. O raio lampeja; o trovão rebomba; os mares acapellados ameaçam de subverter até os mesmos espectadores. Ora os mortos, surgindo ao pallido reflexo do luar, doudejam no cemiterio, travados em dança descomposta: ora a nuvem que desceu opaca e tenebrosa, rasga de subito, e um genio glorioso e refulgente vos deslumbra os olhos. O individuo, que n'esse mesmo dia encontrastes, sem que vos merecesse reparo, é Semiramis, arquejando ante o spectro do consorte; é Zopiro, fulminado sob o punhal phrenetico, e parricida; é Faiel, excedendo o phrenesi do ciume além das raias da verosimilhança. Se porém tiverdes entrado na região dos bastidores, e d'alli voltardes para a platea, ja iniciado nos segredos d'aquelle raio, d'aquellas borrascas, em fim, de todas as transformações a que assististes, eu vos fico que a meio espectaculo bocejareis, aborrecido e desencantado.

Vemos na personagem celebre, precedida pela sua grandiosa fama, um ente privilegiado, e quasi sôbrenatural; porém, se mais adentro penetrarmos nos arcanos do seu viver domestico, que de coisas triviaes e communs! quantas incoherencias! que desillusão! D'aqui vem a maxima de que ninguem passa por heroe na opinião do seu guarda-roupa.

Da-se tractos ao juizo para obter a solução do problema empeçado e renitente; e apenas solvida a questão, succede logo a displicencia: — Pois que, proferimos, não estava em mais a difficuldade?

A infancia, diz o illustre auctor de Atala, é feliz porque ignora; a velhice, triste e aborrecida porque muito sabe.

Religião sem mysterios nunca a houve, e a que não tem mysterios deixa de ser religião. A cerva de Sertorio; a nympha Egeria, de Numa Pompilio; o anjo Gabriel, de Mahomet; o facho, de Timoleão; o carro de Péricles; o escudo de Epaminondas, e outras que taes phantasmasgorias, comprovam que ésta verdade sempre foi conhecida, e muitas vezes habilmente aproveitada pelos grandes homens. A deusa Razão, criada pela revolução franceza de 1789, nunca foi adorada pela razão; e o parisiense, que negava a existencia de Deus, e mofava dos milagres do Evangelho, ia a casa da Lenormand consultar o seu destino, e embelezar-se com os lances da cartomancia. O mesmo Napoleão, se acreditarmos mademoiselle Sophia Gay, não desestimava, antes sorria, *avec complaisance*, quando a amavel Josephina lhe prognosticava da parte da sagaz adivinha, novos louros e triumphos; mas que muito, se Lady Stanhope, acreditava na astrologia, e Tycho Brae tinha medo de apparições? Voltaire, que passou a vida a dissertar contra o *maravilhoso*, conheceu, quando compoz a Henriada, que o não podia escusar. É certo que, para salvar a sua reputação de incredulo, recorreu quanto poude, á allegoria, soccorrendo-se, para a sustentar, a toda a pompa das imagens, e palavras:

« Descends du haut des Cieux, auguste Verité. »
« Desce dos altos Ceos, Verdade augusta. »

Mas ésta verdade, cognominada augusta, e baixada *dos altos ceos*, accendeu tanto os animos dos leitores, como as verdades dos tractados de physica ou de mathematica. Não, não fica o espirito saciado com ficções simbolicas, quer, exige entes bem positivos, e ao mesmo tempo bem extraordinarios.

« De disforme, e grandissima statura,
« O rosto macillento, a barba squalida. »

Tal é a natureza do *maravilhoso*, ou mais depressa a indole peculiar, e propensão congenita da nossa alma, e n'isto mesmo vai coherente com a sua marcha ordinaria e philosophica; por quanto adquirir conhecimento é posse, e a posse gera quasi sempre o menospreso.

Ora o seculo XIX tão progressista, e ricco em descobertas e aperfeiçoamentos, achava-se inteiramente pobre e desfalcado d'este impulso attractivo, d'este encanto irresistivel para todas as idades e considerações. Sim, o *maravilhoso* estava extincto: extincto sem recurso, e para sempre: Quem havia ahi, que ainda acreditasse em fadas, duendes, trasgos, bruxas, phantasmas de finados, lobis-homens, ou mouras encantadas? Alguem da plebe, quando muito, e a plebe não dispende tempo em leituras. Com tudo, é tal o podêr do que excede a humana comprehensão, que apezar do actual scepticismo, sempre nos attrahia, e deleitava no poema, e no romance. Pondo de parte o primeiro, que entre nós se acha ao presente stacionario, tractaremos so do segundo, o qual temos visto elevar-se a mais subido grau de primor e perfeição.

Deixando o que ácerca d'estas producções do ingenho, diz Boileau, é indubitavel que o romance nasceu e se criou, cercado de prestigios, e fascinações. Theagenes e Clariclea, o mais antigo de que temos noticia, abre a scena pela evocação da velha nigromante, e prossegue cheio de oraculos e encantamentos. Correm tempos, e desde as aventuras attribuidas a Aristoteles (que no IV seculo foram as delicias de todas as classes, incluindo a corte) até ao imperador Clarimundo, de João de Barros, ahi vemos o romance mettido por cavernas, palacios, e castellos bem povoados de fadas, encantadores, e toda a sorte de magia. Porém tanto repizou as mesmas aventuras. — cujo remate era desde logo adivinhado: pois sempre acabavam pela victoria do cavalleiro sôbre o gigante; e nada menos que partindo-o com uma cutilada de meio a meio: isto *por uma vez so*; por que até hoje, salvo melhores informações, ainda nenhum palladino montado no seu hypogripho, trouxe la do alto a preciosa receita dos archanjos de Milton — Tanto, pois, andou e desandou por um circulo vicioso que chegou a tornar-se tedioso por monotono. Mas o romance, em geral, tinha de subsistir, e passada ésta primeira phase, periodo, ou como lhe chamem, ei-lo entrado na idade das paixões delirantes, deixando o estupendo pelo sentimental, e com o titulo modesto de novella, posto a suspirar monologos, e a escrever epistolas amorosas. Não ganhou na troca, e a Zelia no deserto, a Pamella Andrews, e outras quejandas insulsas contemporaneas da Walsa figurada, estavam bem longe do mimo original das Floripes, e Orianas. Vinha de largo um Gil Blas de Santilhana, ensinando o leitor a conduzir-se em todas as situações da vida; uma Carolina de Lichfield, modêlo de graças e candura; uma orina, amavel cicerone da formosa Italia.

« . . . . . Udrallo il bel paese,
Ch' Apenin parte, e il mar circonda, e l'Alpe »

Mas, de envolta com estas, quantas outras insipidas, ou altamente perigosas! Todos sabem que Werter foi o grande concitador de suicidios.

Se o enredo constava de moirisma tinha ao menos a vantagem de ser comprehendido, sem que fosse necessario abrir o livro. A heroina ia por passos contados e sabidos, dar comsigo na reclusão do harem; o amante, na cultura do jardim do serralho, para ajudante do jardineiro, bom velho, que por commiseração o agasalhára, e admittira ao seu mister. Seguia-se um relampejar d'olhos, atravez da miuda gelosia: sobornava-se um escravo, para facilitar a entrevista; e por conclusão, ou punhalada do moiro, que até alli fizera a vista grossa, mas estava no seu direito; ou evasiva do par afortunado, que pela porta secreta vinha, com o credo na bôcca, até á praia onde o aguardava a barca de salvação. E o coitado do bacha lá

se ficava jurando pelas barbas, defraudado da moça e do preço por que a comprára no bazar, e ainda, por crescenças, de alguns centos de sequins e pedrarias de valor inestimavel; o que tudo era muito moral, e muito terno, e provocava lagrimas; porém se até o rir, quando aturado cança, quanto mais o chorar?! A novella de sentimento chegou, por tanto, a ser fastidiosa, insupportavel, e quando appareceram as Mil e uma Noites, ataviadas com o seu *maravilhoso*, á moda oriental, foram saudadas e acolhidas com enthusiasmo. Algumas tentativas se fizeram para as imitar; mas não passavam de manequins contrafeitos com o turbante. Isto desesperava os auctores, que, para agradar, não sabiam dar-se a conselho.

Releva notar que por esse tempo os que se davam a compor ou a ler novellas, eram, pela maior parte, capacidades de segunda ordem.

Lançaram-se então os olhos para o passado, e conheceu-se que o *maravilhoso* não decahíra por defeito proprio, antes so pela esterilidade dos escriptores. Uma mulher foi talvez a que primeiro deu na descuberta. Anna Radecliffe sahiu a publico com os seus castellos construidos sobre furnas e subterraneos, onde não falleciam medo, e phantasmas, e o geral applauso, que obteve despertou a attenção dos grandes genios: Walter Scott, Victor Hugo, Frederico Soulié, e Visconde de Arlincourt, Alexandre Dumas, e outros da mesma estofa olharam com reparo, e não se dedignaram de metter a mão no romance. Deram tino de que um genero de composição susceptivel de tudo quanto recende a poesia, valia bem a pena de ser tractado com esmero. A historia, as tradições, a archeologia, tudo foi empregado para o encher e aformoscar. Conheceu-se tambem que do *maravilhoso* se não podia prescindir; mas que especie de *maravilhoso*? aqui batia o ponto da difficuldade. Os deuses da fabula estavam dados em fabula, e so podiam figurar, como estatuas, nos jardins! O reinado do califa Aroun Alraschid acabava de passar; Gnomos, Odins, Kelpys, e Vampiros, não tinham entre nós carta de naturalisação. Pactuou-se por tanto com as crianças, e cedeu-se-lhes as fadas, e os genios das Mil e uma Noites, em troca das bruxas, e almas-do-outro-mundo, em que nem ellas mesmas ja acreditavam. Porem era tarde; a mola estava distendida, e frouxa. Algum effeito ainda produziam; como tudo quanto é extraordinario; mas não pleno e cabal, por falta de convicções. Consideremos, sobre isto, o que por nós todos passou, no bom tempo da infancia. Quando juncto do lar incendido, em noites de temporal desfeito, ao som do prantear da chuva e do gemer dos ventos, escutavamos as lendas, que pela centessima vez nos repetia alguma serva carregada de annos e reumathico, estremeciamos de terror a cada esvoaçar da sua alva melena, a cada fuzilar dos seus olhos, onde vinha reflectir-se o fogo que além esbrazeava. Então o spectro da narrativa era sublime e terrivel, por que podia apparecer no melhor do conto: agora, sublime ainda, por sua natureza; terrivel ja não, por que ja não cremos. O arabe, sentado á porta da sua tenda, ou juncto ao poço do deserto, em quanto descançam os camellos, sente a impressão virgem do poema de Antar, que para elle é chronica; o homem do Occidente, que tudo pretende conhecer, ou de tudo duvidar, sorri desdenhosamente ao fechar o livro, que um momento antes lhe roubava, e absorvia o animo.

Mas eis que o *maravilhoso*, quando todos o julgavam morto, renasce em nossos dias sob o aspecto extranho, inopinado, do Magnetismo, dizemos, com todo o horror e evocações do sortilegio; com todo o apparato dos encantamentos, sem esquecer a vara magica e soporifera; finalmente, com toda a irresistivel attracção da causa ignota e impenetravel: capaz de uso e de abuso, como tudo o mais, que existe sobre a terra. Não ja contado como illusão de outras eras, curiosa reminiscencia das aberrações do espirito humano; porém real, positivo, palpavel, e somente impossivel e absurdo para os que não querem crer, por que não querem ver. Este poderoso auxiliar não podia ficar indifferente aos litteratos; e Frederico Soulié, o eximio auctor do Conde de Tolosa, acaba de colher pleno resultado, empregando-o, como machina poetica, na tentativa — *O Magnetisador* — Verdade é que este ensaio ameaça de ser unico; por quanto o celebre romansista como chegou primeiro, escolheu o melhor lote. Não entendemos por isto as profundas considerações sobre os diversos estados da França, desde 1788 até 1830; nem tão pouco a acção, que principiada em um genero facil, até mesmo frivolo, vai gradualmente crescendo em interesse, conduzindo o leitor de surpreza em surpreza, até ás grandiosas scenas do sublime, acabando por excitar em summo grau o terror e a compaixão: so pretendemos fallar do que faz ao nosso assumpto, isto é, do maior pensamento, que elle podia inspirar: — o crime perpetrado, e punido por meio do Magnetismo. — Ninguem deixará de concordar em que será difficil arrojar mais avante a concepção. Todavia, como ja a mina mostrou beta, nem faltam habeis exploradores, é de esperar que alguem mais, e por ventura em nossa terra, se abalance a medir forças com tão robusto e agigantado athleta. O que é bem certo é que para isso haverá tempo de sobejo; por que ésta nova especie de maravilhoso não será tão facil de explicar como o charlatanismo, ou de negar, como a existencia dos spectros e da arte magica. Os effeitos de um tal prodigio, que orça por milagre, todos os podem presenciar, talvez mesmo produzir; porém a sua verdadeira causa somente a saberemos quando se rasgar a cortina do que nunca poderão explicar nem os *effluvios* dos escholasticos, nem a *influencia* de Malebranche, ou a *harmonia* de Leibnitz, isto é, a natureza, e propriedade da materia; a essencia, e attributos do espirito: por outras palavras, quando for resolvida a grande questão das duas substancias, que compoem o homem; o que, n'este baixo mundo, equivale a dizer — Nunca!

João de Mello Pereira.

POEZIA.

PRELUDIOS RELIGIOSOS.

O NASCIMENTO DE JESUS.

« Orietur in diebus ejus justitia
et abundantia pacis.
Psalm.

338 Hossana, hossana, hossana!.... Deus supremo
Meu Deus tres vezes sancto, hossana, hossana!....
Gloria a ti, Jehovah, gloria ao teu nome
La nos ceus, ca na terra absorta e tremula!....
.....

Laùdes de Sion, harpa maviosa
Do rei vate, influi-me um puro accorde,
Um som que eleve a Deus o meu delirio.
E affectos que do peito me trasbordam!...
Oh porque me fallece uma palavra
Uma imagem, um symbolo, que dignos,
Meu Deus, sejam de ti, sejam do amado
Filho em que se compraz a essencia eterna? (*)
— Ao universo inteiro coube em sorte
Melodiosa vida; cada atomo,
Cada elemento seu uma harmonia
Disfere, co'as estrellas consonando;
E essa voz do universo é pura e forte,
Essa voz é magnifica e sublime:
— Mas ao homem, Senhor, tudo lhe falta;
Pena, soffre, angustia-se, desvaira,
Quando a alma insoffrida arqueja, anceia,
Como vaga frementè, incapelada
Contra a fraga, que aprema, rebramando:
Como a nuvem pejada de coriscos,
Que os pardos horysontes acinzenta,
Sem que resfolgar possam invios raios,
Que lhe refervem no inflammado seio.
.....
—
Abri-vos, ceus, abri-vos!... Inclinai-vos
Anjos, dominações! — Ei-lo, àdorai-o:
E' o cordeiro de Deus o verbo eterno
Que á terra vem para remir a terra!....
.....
.....
—
A lua esparge languido socêgo,
E a briza adormecida exhala apenas
Anhelito suave, tão sumido
Como de tenro infante, que no berço
Entregue ao puro somno, inda procura
A terna mãe co'os candidos bracinhos.
— Ilhas de luz refulgem a milhares
N'esse azulado oceano ethereo, immenso,
Que os olhos leva a si, prende, e deslumbra;
E ao vê-las sobre o tope do arvoredo,
La nas faldas do ultimo horysonte,
Disseras aves de ouro, que pairando
N'alta selva, desprendem d'entre as azas
Fulgidos diamantes, que a coroam;
Ou brancas vélas, que no azul dos mares
Vogam serenas, demandando o porto.
É noite, é noite; meiga, resplendente;
Mas callada, callada como um tumulo:
E toda a natureza anciosa, e tremula
Espera com afan, espera.....
..... — Ouvistes?!.....
GLORIA A DEUS NAS ALTURAS, PAZ AOS HOMENS!...
— E o ceu, a terra, os mares, as estrellas,
Um so hymno, um concerto jubiloso,
Uma alegria d'anjos, um ruido
De vagas, um sussurro do arvoredo,
E dos astros o chôro harmonioso
— Astros sem fim — e todos clamam, cantam:
GLORIA A DEUS NAS ALTURAS, PAZ AOS HOMENS!.....

——

(1) Hic est filius meus dilectus, in quo mihi complacui.
S. Math.

CHÔRO DOS ANJOS.

Vedes vós esse infante donoso
A prantear, a surrir tão gentil,
Como o sol radiante, e formoso
Em manhan trovejada d'abril?
É vergontea real de Judá,
D'Israel a mais fulgida esperança;
Prysmeo Iris de paz e bonança
No diluvio dos crimes será...
Oh salve, Jehovah!
Gloria a ti, Jehovah, Jehovah!...

——

CHÔRO DE CHERUBINS E SERAPHINS.

Sobre palhas, em gruta sombria,
Jaz o filho de Deus muito amado,
O Messias, o rei sublimado
Na indigente humildade vê o dia!...
O' mysterio d'amor extremado
Que so o homem captar-lhe podia!
Ao que sempre morou no almo ceu,
Ao que ao homem por guarda se dá,
Tanta gloria lhe não concedeu
Jehovah!...
Gloria a ti, Jehovah, Jehovah!...

——

CHÔRO DOS ANJOS.

Mas nós somos perenens cantores,
E ante a face de Deus suspirâmos
Hymnos d'extasi, e arrobo, louvores
Que no aroma d'incensos librâmos:
Nós vivemos de canto e de amor,
Qual dos bosques a pura ávesinha;
Como a mais recente florinha
Perfumâmos a casa ao Senhor!...
— Oh! cantemos, cantemos o Eterno,
Oh! sejamos amor, meigo enlevo
Para ti, que és amor tão superno
Que enche o ceu, e que á terra se dá!...
Oh! salve, Jehovah!...
Gloria a ti, Jehovah, Jehovah!...

——

CHORO DE QUERUBINS E SERAPHINS.

Para sempre mortaes gloriosos,
Vossa terra tornou-se n'um ceu;
E Deus so por fazer-vos ditosos
Um irmão em seu filho vos deu!...
Vede-o, vede o formoso menino
Que o empyreo vos vem offertar
O seu rosto tão puro e divino
Quem ha hi a sabêl-o pintar?

——

CHÔRO DOS ANJOS.

E todavia é um pobresinho infante
Nas palhas reclinado.
Présape escuro o alcaçar radiante
E cortejo pastores, manso gado!...
Mas no rosto divino
Do filho do homem ha tanto fulgor
Tanta gloria e belleza, que o menino
É mais que nós, é Deus, é ceu e amor!...
Para a mãi ergue os bracinhos
Todo amor, enlevo, e rizo;
Como flóridos raminhos
Que no terreo paraiso

Formam cheiroso festão;
E da arvore frondosa
Pende o lirio, pende a roza,
E aureos pomos sem senão.

CHÔRO DE CHERUBINS.

E a virgem toda cuidado,
Ternura, disvello, amor?
É mãi, é mãi!... não é dado
Nem aos anjos do Senhor
Taes arcanos prescrutar.
— É virgem, é mãi; é tão pura
Como a gota embalsamada
Que na montanha escarpada
So póde os ceus espelhar.
É virgem, é mãi; é tão bella
Como esse instante arrobado,
Em que morre a ultima estrella,
Em que o rócio aljofra o prado:
Partilhando noite e dia,
Colhe as matinaes premicias,
Luz, gorgeios, resplendores;
Quando da noite os primores,
Os mysterios, as delicias
Inda resvallam magia.

ANJOS, CHERUBINS, E SERAPHINS.

O' doce Jesus,
Oh! sejas louvado
Onde o sol reluz:
Onde o vento irado
Infrene peleja;
Onde relampeja
Medonha procella,
Ribomba o trovão;
Onde a pura estrella
Aos nautas tão bella
Que naufragos vão;
Onde os altos montes
Brotando mil fontes
Que ondeiam no prado
E vão deslisando
E revendo a esphera;
Onde o freicho alçando,
O vertice ousado,
Quer fugir da terra
E as nuvens tocar
— O' doce Jezus,
No ceu e na cruz
Os homens e os anjos
Vivam de te amar

. . . . . .

CHÔRO DAS ARVORES.

Deus, Deus, Deus! Salve, salve Deus potente!
Escuta-nos Senhor,
Que nos lançaste no eden recendente
Erguendo para o ceu nosso verdor.

Jehovah, Jehovah! Bemdito sejas
Por toda a eternidade;
Que nos déste mil vozes, mil invejas
Para o mar, vento, e fogo, e tempestade!...

Nos somos qual pyramide sonora,
Alcaçar sublimado,
Que as nuvens roça que festeja a aurora
Co'os gorgeios d'um povo inteiro alado.

Flammeja o raio, troa, ronseando
A esphera que se aballa;
Apenas nossos tópes vai crestando,
E ja de susto a terra infia, e calla!...

E os quatro ventos ruem destrellados
Contra o róbur annoso,
Que oscilla e verga os ramos ja lascados,
Arrostando o tufão que o bate iroso.

Mas quando a chuva em lanças se despenha,
Ou no zenith é o sol,
Para ella a zagal foge, e se embrenha
Entre a densa folhage o rouxinol.

Brizas matutinas,
Bafagens mimosas,
Deixai as boninas,
Deixai essas rosas,
Que da pura aurora
Imitam a côr.
— Vinde, vinde, é a hora,
Em que o ceu e o ar,
Em que a terra e o mar,
Louvam ao Senhor.
— Vem, o meiga briza,
Ah! deixa a planura,
Deixa a lympha pura
Que branda deslisa
Espelhando o ceu,
Estrellado vau
Que encobre o Senhor,
Deixa a crepitante
Chama ennovellada,
Deixa a resonante
Vaga encapellada
Rebentar em flor.
— Auras perfumadas,
Celeste bafagem,
Em nossa folhagem
Tendes mil toadas,
Mil sons peregrinos,
Que immensa harmonia
Espargem nos hymnos
Que alam ao Senhor
— Nossas folhas sejam
As chordas frementes
D'harpa, onde se envejam
Bardos eminentes;
Onde espira amor:
Onde rumorejam
Ruidos solemnes,
Concertos perennes
Ao Deus, ao Senhor!...

Deus, Deus, Deus! — Salve, salve, Deus potente!
Escuta-nos Senhor,
Que nos lançaste no eden recenedente
Erguendo para o ceu nosso verdor!...

. . . . . .

—

CHÔRO DOS MARES.

Ergam-se as vagas com fragor medonho.
Rujam procellas no revolto pelago,
Montes d'espuma aos mares se arremessam
As nuvens acoitando.

Palpitem mollemente as brandas aguas
Do vasto occeano limpido e sereno;
Mysteriosos cantos sussrrando,
Beijem as curvas praias.

—

Os uivas da procella
São brados de louvor,
O frémito da vaga
Que a fulva areia affaga
É um arfar de amor.

—

Louvai, louvai, ó mares,
Dos mares o Senhor!
Em brados e vagidos,
Em cantos e gemidos,
Louvai o Redemptor!

—

Ja negras espessas, peazdas, sombrias
Levantam-se, alargam, desdobram-se, engrossam
As tumidas nuvens, que ondas roçam!

—

Ja silvam torvelinos desvairados,
Fervem os mares, os trovões reboam;
Brama a tormenta em echos prolongados.

Mas do Eôo la fulge uma estrella,
Que se estrema entre todas formosa,
E serena affugenta a procella.

—

Suaves auras bafejam,
Azulam-se os horysontes.
E as aguas rumorejam;
Como o arrulho da pomba
Que estremece d'amor;
E suspiram
Sons divinos,
Sanctos hymnos
Ao Senhor!...

. . . . . .

—

CHÔRO DAS ESTRELLAS.

Ao som d'harpa dos anjos formosos
Nossos hymnos revôem a Deus,
E esses mundos de luz — claros ceus,
Tracem danças a Deus, ao Senhor!

—

Dos ceus o pavimento é recamado
De gêmmas tão subidas,
De fogo e luz tão cheias,
Que se uma, despegando-se, cahíra
Na vastidão da terra, n'um instante
Fôra incendio, ruinas, morte, cinzas!..

—

E são tão infinitas essas gemmas,
Que so o dedo do Eterno
Póde contar a grei aurifulgente,
Que nos campos azues immensa pasce.

—

Mas se dos ceus o estrado milhões d'astros
Engasta rutilantes;
Se é de tanto primor e maravilha
Para todos que em extasi o contemplam;
Qual brilhará a cupola, assombrosa
Que o Antigo dos Dias acoberta?..

—

E ja o ceu deixa Jesus,
Vai-se á terra despiedosa
Pela estancia gloriosa
Troca o soffrimento, a cruz!..

Recem-nado infante
Surrindo formoso,
Em vez de chorar,
Da mãe anhelante
No seio amoroso
Se vai abrigar
Como a gota pura
Que na madrugada
Orvalhou a flor
Toda embalsemada
Toda resplendor

—

Salve, estrella do mar, trez vezes salve!
De teus virgineos peitos
O Redemptor do mundo
Pendendo — os anjos curvam-se ao mysterio,
E a terra adora, e crê, e ovante entôa:
Salve, estrella do mar, trez vezes salve!... (1)

—

Chamou-te o mundo estrella, e a nós estrellas
Tambem nos chama a terra:
— O' doce irman!... — Ah deixa que este nome
Suave e sancto te enderecemos, virgem!

—

Nós tambem somos do ceu
Florinhas de diamante,
Edens de luz radiante;
Somos do Eterno o tapiz,
Perto de deus habitâmos;
Nosso espelho não desdiz
Que nos mares nos mirâmos...

—

E d'esse livro esplendido e sublime
Que os homens chamam — ceu,
Que deus sôbre o mundo ergueu:
Somos os diamantinos characteres
Com que se escreve — Deus!..

—

Quando, Senhor, desatas a procella
No pégo embravecido,
Que em serras sobre serras muge e brama,
Logo ouves o gemido
Do soçobrado lenho, e a estrella ufana
Os nautas guia ao porto apetecido.

—

Ao som d'harpa dos anjos formosos

(1) Ave maris stella. *Antiph.*

Nossos hymnos revoem a Deus,
E esses mundos de luz — claros ceu,
Tracem danças a Deus, ao Senhor!...

—

E seja uma estrella
A nuncia d'amor,
E seja uma estrella
Quem leve ao presepe
Ingenuo pastor;
E seja uma estrella
Phanal resplendente,
Que do claro Oriente
Vem magos guiar,
A ver adorar
Jesus Redemptor!.....

——

OS MAGOS.

E la do extremo Oriente tres monarchas
O throno auri-comado
Deixam subito, e o mundo todo pasma!...
Deixam povos, exercitos, grandezas;
E olhando para o ceu, arrancam, voam!...

—

Porque fugis assim, reis insensatos?
Que inaudito portento
Vos impelle, vos ponge, vos arrasta?.....

—

Bosques, desertos, montes, e torrentes,
Ja os magos transpozeram:
Scismam Bethlem, e o afan lhes quebra o peito,
Fitam gratos a estrella precursora,
Entram, prostam-se, adoram, vêem, cantam:

—

« Povos, povos do mundo! — Eil-o! — nasceu
« O rei dos reis da terra
« Que toda se estremece de esperança!
« Povos, povos do mundo! — floresceu
« A palma de Cadés; Sion impera,
« E exultante recebe a grande herança
« Que ao seu povo o Eterno prometteu!...

—

« Desde a roixa aurora,
« Té onde fenece
« A última hora
« Em que o sol aquece
« As raias do mundo,
« Corram ao Senhor,
« Louvem Jehovah!
« Desde o mar profundo
« Da purpurea Tyro,
« O arabe errante,
« Ethyope diro,
« Assyrio prestante
« E a ricca Sabah,
« Corram ao Senhor
« Louvem Jehovah!

« Povos, povos! — o rei dos reis nasceu,
« E a justiça vos traz na dextra forte;
« Povos, povos! — o rei dos reis nasceu
« Co' a sestra agrilhoou a eterna morte,
« E a paz sobre Israel desce do ceu!..

Antonio Augusto de Lacerda.

ASSOCIAÇÕES LITTERARIAS.

—

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

339 Ho dia 16 reuniu o Conservatorio-real pelas 7 horas da noite. Resolveu-se que a secção de musica elegesse d'entre si uma commissão de tres membros para darem o seu parecer sôbre as symphonias e outras peças de musica, que se apresentarem ao concurso aberto para mauguração do Theatro de D; Maria II. Constitui se a commis ão-mixta de nove membros que compoem o jury do julgamento dos dramas que apparecerem no mesmo concurso. Tractaram-se diversos assumptos d'organisação e economia, e levantou-se a sessão eram quasi 10 horas.

—

A commissão mixta, reuniu effectivamente no domingo (21), e tomou ja conhecimento de sette dramas que até ésta data teem vindo a concurso.

VARIEDADES.

—

O MEZ DE JANEIRO.

340 O signo d'este mez chama-se *aquario* porque dizem ser este o mez mais chuvoso do anno. O nosso astrologo, como se tractava de chuva, viu o diluvio em tudo e fadou *chorões* todos os que nascem n'este mez aguacento.

Tem, quem nasce n'este signo,
Genio fraco, froixo humor:
Qualquer leve contratempo
Da-lhe pranto e da-lhe dor.

Chama-se a um semsaborão d'estes um *maricas*, em linguagem familiar, creio eu. Ora, se algum dos meus leitores se tiver em conta de um Ferrabrás, que dirá a isto? manda decerto ao diabo o astrologo e os seus vaticinios. Comtudo, e aqui está o ponto, as excepções não destruem a regra; as mesmas leis da natureza soffrem abherrações: e como a astrologia é uma sciencia toda fundada na physica... Pois em quanto ao moral o mais defeituoso é o melhor!...

Tem janeiro 31 dias: e n'este mez crescem os dias 37 minutos, 18 de manhan e 19 de tarde. O seu maior dia é o ultimo que tem 11 horas e 5 minutos. No seu dia 1 nasce o sol ás 7 h. e 16 m. e põe ás 4 h. e 43 m.: no dia 31 nasce ás 6 h. 58 m. e põe-se ás 5 h. e 2 m.

Este mez é quasi de perfeito ocio para os trabalhos agriculas, porque a neve e a chuva pouco logar dá a trabalhar nos campos: no entanto podam-se as arvores e fazem-se outros amanhos agrarios, para aproveitar o tempo, sempre que póde ser. Ordinariamente n'este mez vive-se mais em casa: de roda d'um lar ou de um elegante fogão inglez, deixa-se passar o mau tempo lendo ou conversando. Antigamente liam-se romances de cavallaria, historias de magicos e feiticeiras; e foram talvez n'estas sinceras reuniões familiares que tiveram origem muitas das famosas lendas da idade-media, e decerto quasi todas essas bonitas canções populares, que desde os gêlos da Scandinavia até ao suave solo da Provence, resoavam na bôcca dos menestreis, ou glorificando uma acção he-

roica, ou lamentando uma desgraça amorosa, ou apregoando um documento de virtude. Era bom esse tempo! A singelleza dos costumes d'então não deixava sentir os rigores da gleba; nem siquer se pensava no que era feudalismo. Viviam todos contentes porque não imaginavam melhor existencia. Hoje não sei o que se faz em volta do lar ou do fogão. Os jornaes, as intrigas da politica, a murmuração, tomaram, lá no lar, o logar dos contos de San'Paschoal Bailão e Sancta-Iria, do infante D. Pedro e da moira-incantada, dos bruxedos e das almas-do-outro-mundo. Ca no fogão não se pratica melhor: *faz-se* a alta politica, discutem-se certos desvios moraes, e ha sempre uma *causeuse* obrigada para os perfumados protestos do coração. Se algum dia se escreverem, por mão-amestrada, os mysterios do fogão, então saberemos o que vai...

Os gregos celebravam n'este mez as festas de Juno, instituidas 1557 annos antes J. C.; outras em honra de Bacco: os egypcios o quer que era em commemoração da fugida da deusa Isis: os romanos, segundo o seu costume, quasi que em cada dia tinham uma festa; no 1.° do mez era a Jano, depois vinham as *compitalias* e *agonalias*, as da deusa Carmenta, por duas vezes, as da deusa Concordia, as jogos palatinos, que duravam muitos dias, as *paganalias*, a de Castor e Polux, e finalmente no dia 30 a da *paz*.

A igreja-catholica celebra n'este mez duas grandes festas — a da Circumcisão, no dia 1, e a da Epiphania, no dia 6 — A primeira foi instituida no seculo VII, a segunda no seculo IV, isto é, restricta á adoração dos magos, porque ja d'antes se celebrava incluindo n'ella o *natal*, *adoração* e *baptismo*.

Houve até ao meiado do seculo XVI uma festa extravagante na christandade, chamada dos *loucos*, que se celebrava do natal até aos reis, mas principalmente no 1.° de janeiro. Era uma mistura de sacrilegios e d'impiedades. Muitos mascarados, abominavelmente vestidos, com um a quem elegiam papa á sua frente, entravam pelas igrejas dançando e cantando obscenamente; comiam em cima do altar, juncto ao padre que dizia missa, jogavam aos dados, e deitavam no thuribulo solla velha que queimavam como se fôra incenso. Estes disparates impios foram sempre perseguidos pelas censuras dos papas e bispos; mas custou muito a abolil-os de todo.

EPHEMERIDES.

1, descobriu-se o Rio-de-Janeiro (1532) — 6, descobriu-se o Rio-dos-Reis (1498) — 7, morte de D. Ignez de Castro (1355) terramoto (1531) — 13, morte dos fidalgos accusados de attentarem contra a vida d'el-rei D. José (1759) — 14, victoria das linhas d'Elvas (1659) — 16, instituição da procissão dos nús em Coimbra (1423) — 21, primeiros fundamentos para os estabelecimentos portuguezes da Costa-de-Guiné e cidade da Mina (1482) — 25, descobriu-so o rio dos Bons-signaes (1498) — 26, terramoto de Lisboa (1531) — abertura das primeiras côrtes constitucionaes (1821) — 29, batalha dos Atoleiros (1384.)

CORREIO NACIONAL.

341 Uma disposição, ao que parece, do maior acêrto e conveniencia pública, acaba de ser tomada, declarando Macau porto-franco para o commercio de todas as nações; restringindo todavia certos generos, e carregando de direitos outros que de Portugal podem ir, para consummo.

Os jornaes inglezes alcançam até 15 do corrente. Os fundos portuguezes ficavam a 58.

Segundo se le nos jornaes do Porto o commercio dos vinhos vai prosperando consideravelmente n'aquella cidade.

Sabbado (27) ha de ser no theatro da Rua-dos-Condes o beneficio da Sr.ª Emilia. A sympathia de que é digna a illustre artista, e que na verdade ella deve ao público, sem excepção, torna desnecessarias quaesquer recommendações.

Da-se sexta-feira (26) em San'Carlos a nova opera de Donizetti, *Maria Padilha*, cantada o anno passado na Academia philharmonica: é ornada com alguns bailados da composição de M. Martin. Na ssguuda-feira ra (29) é o beneficio d'este distincto artista, com a segunda representação da mesma opera e o bailete *Palmina*, que excita cada vez maior enthusiasmo.

Por alvará de 6 d'abril do corrente anno foi concedido ao Sr. Manuel Luiz dos Santos, privilegio por 15 annos, para o *estaleiro-doca* de sua invenção; o qual serve para construir e cencertar todo o genero d'embarcações. O Sr. Santos tracta d'estabelecer em Lisboa este util machinismo por meio de uma companhia.

Está a concurso o alvará de patentes, pedido por Felix Baron, para introducção da machina de *Jouvin*, que serve para fazer luvas. O concurso termina no dia 6 de janeiro de 1846.

A companhia dos cannaes d'Ambuja vai pagar 1$287 réis por acção, ou o juro de 5 por cento das prestações entregues.

As duas sociedades philarmonicas de Lisboa reuniram hontem (23) em assemblea-geral, cada uma na sua respectiva sala, para se tractar da juncção d'ambas n'uma so sociedade. A reunião foi muito numerosa em qualquer das salas. Venceu-se, em ambas as reuniões, que se effectuasse a juncção (de que fallou ja a REVISTA em n.° 23); e nomearam-se as respectivas commissões que de accordo devem combinar no modo de realisar ésta decisão. O progamma em que assentarem as commissões hade ser subjeito á approvação das duas assembléas.

Necrologia — Faleceu hontem, e depositou-se hoje [24] no cemiterio dos Prazeres, no jazigo dos Sr.ᵃ Pinto Basto (em quanto se não construe mausoleo proprio), o Sr. Almeida Lima, um dos mais riccos proprietarios e capitalistas d'esta cidade.